



**Paul Swope (Adaptação)**

Director da Caring Foundation and President of LifeNet Services, Inc. (EUA)

<http://www.lifenetems.org>

A eficácia da acção pró-vida não depende apenas da integridade da causa nem das pessoas que a defendem. Estudos realizados nos EUA ajudam-nos a perceber porquê.

**D**urante 25 anos o movimento pró-vida dos EUA dedicou-se a defender talvez o mais crucial princípio de qualquer sociedade civilizada: a santidade e o valor de cada vida humana. No entanto, nem a profundidade e a dimensão da causa, nem a integridade dos que a apoiaram, conseguiram ser eficazes, pois houve sempre uma má compreensão da mentalidade da mulher inclinada a escolher o aborto. Ora, embora possamos não concordar com a forma como as mulheres avaliam esta questão, a importância da nossa missão e o imperativo da eficácia exigem ouvir, compreender e corresponder às suas reais preocupações.

Recentemente, fez-se um estudo com o objectivo de responder a uma questão que sempre intrigou os activistas pró-vida: Como é que as mulheres, e o público em geral, se sentem bem sendo pessoalmente contra o aborto mas a favor da sua despenalização? Os pró-vida acham moralmente óbvio que uma pessoa não pode simultaneamente dizer que “abortar é matar” e que “o aborto deve ser legal”, por isso tenderam a assumir que as pessoas só precisam que se lhes mostre mais claramente que o feto é um bebé. Assumiram que se o carácter humano do não nascido for compreendido, a consequente conclusão moral (“matar um bebé é errado”) seguir-se-á naturalmente, e as mulheres irão escolher a vida dos seus filhos não nascidos. Esta orientação configurou muitos dos argumentos pró-vida durante mais de duas décadas, com um impacto frustrantemente baixo.

**O RELATÓRIO SUMÁRIO DO ESTUDO TEM UM TÍTULO SURPREENDENTE: "ABORTO: O MENOR DE 3 MALES – PARA ENTENDER O DINAMISMO PSICOLÓGICO DOS SENTIMENTOS DAS MULHERES"**

O relatório sugere que as mulheres que pensam abortar julgam que nada de “bom” pode resultar de uma gravidez não desejada e que só há uma escolha entre 3 males: maternidade, adopção, aborto.

**A MATERNIDADE NÃO PLANEADA, SEGUNDO O ESTUDO, É UMA AMEAÇA TÃO GRANDE PARA AS MULHERES MODERNAS QUE É PERCEBIDA COMO EQUIVALENTE À “MORTE DO EU”.**

Embora a mulher possa racionalmente entender que não se trata literalmente da sua morte, a sua reacção emotiva, subconsciente, em relação a deixar prosseguir a sua gravidez é que a sua vida “acabou”. Isto é assim porque muitas mulheres modernas desenvolveram uma auto-identidade que simplesmente não inclui o ser mãe. Pode incluir acabar os estudos, licenciar-se, arranjar um bom emprego, talvez até casar um dia. Mas **a súbita intrusão da maternidade é sentida como uma completa perda de controlo sobre o presente e o futuro de si mesmas. Desfaz todo o conceito que tinham de quem são e de quem virão a ser, e por isso bloqueia a sua capacidade de pensar mais racionalmente ou mais realisticamente.**

Quando estas mulheres avaliam a decisão de abortar, portanto, o seu dilema é: ou “a minha vida acaba” ou “a vida desta criança tem de acabar”. Dentro desta perspectiva, a escolha do aborto torna-se uma escolha de sobrevivência, uma posição muito mais defensável, tanto para a mulher que aborta como para as pessoas que apoiam a sua decisão.

Mesmo as mulheres que estão dispostas a escolher a vida em vez do aborto não o fazem por saberem mais de embriologia nem por terem um maior amor pelas crianças mas porque têm uma visão de si mesmas mais ampla e menos frágil, e conseguem incorporar melhor a maternidade dentro da própria identidade.

A adopção, infelizmente, é vista como o pior “mal” entre as 3 alternativas, e é sentida como uma espécie de morte dupla. Primeiro, a morte própria, por ter de viver a maternidade até ao fim (além de que se veria como uma má mãe, que entrega os filhos nas mãos de estranhos). Em segundo lugar, a morte da criança “por abandono”. A mulher preocupa-se com a possibilidade da criança ser maltratada, angustia-se com a incerteza do futuro do filho, e com a possibilidade da criança voltar a intrometer-se na sua vida muitos anos depois. Basicamente, a mulher deseja desesperadamente uma qualquer solução definitiva para a sua crise, e, na sua mente, a adopção deixa a situação por resolver, com incerteza e culpa a pairar no horizonte que prevê tanto em si como no seu filho.



POR MUITO QUE GOSTEMOS DO SLOGAN “ABORTO NÃO, ADOÇÃO SIM” (ADOPTION, NOT ABORTION), A SUA APRESENTAÇÃO ÀS MULHERES NÃO EVITA QUE, ENTRE AS DUAS ALTERNATIVAS, A ADOÇÃO SEJA A PRIMEIRA A SER REJEITADA.

A atitude destas mulheres em relação ao aborto é muito surpreendente. Em primeiro lugar, todas as mulheres envolvidas no estudo (todas pró-escolha) concordam que abortar é matar. Em segundo lugar, as mulheres acreditam que abortar é errado, um mal, e que Deus castiga a mulher que decide abortar. Terceiro, no entanto, estas mulheres pressentem que Deus, afinal, perdoará a mulher, porque Ele é um Deus que perdoa, porque as mulheres não quiseram engravidar, e porque uma mulher que passa por essa crise realmente não tem alternativa.

De facto, enquanto o aborto em si é visto como um mal, a mulher que é levada a fazê-lo é vista como corajosa, porque fez uma decisão difícil, custosa, mas necessária, para conseguir defender a sua vida.

Basicamente, o aborto é considerado o menor de três males porque é visto como aquele que oferece a maior esperança para a mulher poder preservar o sentido que tem de si mesma, a sua vida. É por isso que as mulheres se sentem protectoras da mulher que aborta e do seu “direito à escolha” e profundamente ressentidas em relação ao movimento pró-vida, que lhes parece insensível e persecutório.

NOTE-SE QUE AS PREOCUPAÇÕES PRIMÁRIAS EM QUALQUER DAS 3 OPÇÕES SE CENTRAM À VOLTA DA MULHER E NÃO NA CRIANÇA NÃO NASCIDA. ISTO AJUDA A EXPLICAR O ATRACTIVO DA RETÓRICA “PRÓ-ESCOLHA”. OFERECE A SENSAÇÃO DE QUE A MULHER EM CRISE AINDA TEM ALGUM CONTROLO SOBRE O SEU FUTURO, E FACILITA QUE MULHERES QUE DISCORDAM PESSOALMENTE DO ABORTO SINTAM AO MESMO TEMPO COMPAIXÃO RELATIVAMENTE A OUTRAS MULHERES EM CRISE.

Estas ideias lançam também luz sobre uma outra importante fonte de frustração e fracasso no movimento pró-vida. 25 anos de campanha mostraram repetidamente que muitos americanos são contra o aborto, e que as mulheres são ligeiramente mais pró-vida que os homens. No entanto, os americanos simpatizam mais com a imagem pró-escolha do que com a imagem pró-vida, e os activistas pró-vida chegam a ser vistos como perigosos extremistas. Será apenas devido à influência dos media?

PORQUE SERÁ QUE O MOVIMENTO PRÓ-VIDA NÃO FOI CAPAZ DE CONSTRUIR UM SENTIMENTO INATO PRÓ-VIDA NO CIDADÃO COMUM, E PODE ATÉ ESTAR A PERDER TERRENO NA ARENA DA OPINIÃO PÚBLICA?

Os resultados do estudo sugerem que a dificuldade de ganhar apoio público não se deve apenas ao tratamento injusto dos media, embora esse tratamento tenha tido um papel significativo. Os slogans e abordagens do movimento pró-vida tenderam a focalizar-se quase exclusivamente na criança por nascer, não na mãe. Ora isso tende a criar ressentimento, não simpatia, especialmente nas mulheres em idade de serem mães.

Por contraste, consideremos um slogan pró-vida típico:

“O Aborto pára um coração que bate” (“Abortion Stops a Beating Heart.”).

Embora possa ser uma frase eficaz entre os pró-vida, o efeito numa mulher jovem seria:

- 1) Provocar ira para com o mensageiro;
- 2) Confirmar a sua sensação de que os pró-vida ignoram a sua vida e a sua situação, e
- 3) Levá-la ainda mais à hostilidade e ao desespero. Se o objectivo pró-vida é fazer descer o número de abortos e não somente afirmar factos objectivos, devemos perguntar se uma mensagem dessas não será contraproducente.

Quando uma mulher enfrenta uma gravidez indesejada a sua questão principal não é “Será isto um bebé?” – com a consequência óbvia de que, sabendo que sim, então escolherá a vida. A mulher sabe, embora muitas vezes num nível subconsciente, que o feto é humano e que será morto pelo aborto. Mas esse é o preço que está disposta a pagar na sua batalha desesperada por aquilo que considera ser a sua sobrevivência.

A ÊNFASE NOS BEBÉS, SEJA POR FETOS DESTRUÍDOS SEJA POR FELIZES RECÉM-NASCIDOS, TENDERÁ A AGRAVAR NA MULHER A SENSAÇÃO DE EXCLUSÃO, ISOLAMENTO E DESESPERO, PRECISAMENTE AS FORTES EMOÇÕES QUE A VÃO CONDUZIR A ESCOLHER O ABORTO.



A questão central, talvez subconsciente, de uma mulher que se vê diante de uma gravidez não desejada é: “Como é que eu posso salvaguardar a minha vida?”. O movimento pró-vida deve ver desse modo o problema, e comunicar com as mulheres de um modo compassivo que consolide as suas convicções interiores.

SEM ESTIGMATIZAR NEM CONDENAR, É PRECISO AJUDAR A MULHER A REAVALIAR AQUILO QUE PARA ELA SÃO 3 MALES QUE A CERCAM (MATERNIDADE, ADOÇÃO, ABORTO), AJUDANDO-A A VER O ABORTO COMO UMA SOLUÇÃO NEGATIVA E ILUSÓRIA PARA A SUA CRISE, E A ESCOLHA PELA VIDA SOB UMA LUZ POSITIVA. A MULHER QUE ASSUME A SUA GRAVIDEZ NÃO DESEJADA É QUE É, DE FACTO, UMA ESPÉCIE DE MÁRTIR, PORQUE FEZ UMA ESCOLHA DIFÍCIL MAS “AGARROU A SUA VIDA”.

É muito importante pôr o foco na mulher que passa pela experiência de uma gravidez indesejada, não fazer juízos mas falar da vida real, das várias decisões e das suas diferentes consequências. Não é preciso impor nada, muitas vezes basta fazer pensar, ajudar a mulher a pôr a escolha do aborto em questão, e se possível indicarlhe ajudas concretas para a sua situação. Ela não tem que ter todas as respostas, nem tem que coincidir totalmente com o lado pró-vida, mas pode assim optar por dar a vida a um filho.

O mais importante é encorajar uma ética de “cultura da vida”. Usando uma linguagem e uma simbologia que procurem atrair mais do que hostilizar, o movimento pró-vida poderá mostrar que o aborto realmente não contribui para o interesse da mulher, e que a escolha da vida oferece esperança e uma confiança em si própria positiva e crescente.

Deve notar-se que as descrições do desenvolvimento do feto e até o material gráfico sobre aborto podem ainda ser usados com grande eficácia em determinados públicos, especialmente entre as pessoas predispostas para a mensagem pró-vida, e como modo de motivar os pró-vida.

O TERRÍVEL ERRO DA MULHER JOVEM É PENSAR QUE O ABORTO A PODE “DESENGRAVIDAR”, QUE A PODE TRANSFORMAR NO QUE ERA ANTES DA CRISE. MAS UMA MULHER NUNCA MAIS É A MESMA DEPOIS DE FICAR GRÁVIDA, QUER A CRIANÇA NASÇA, SEJA ADOPTADA OU MORTA. O ABORTO PODE PARECER UMA SOLUÇÃO, MAS NUNCA É AQUELA QUE A MULHER MAIS DESEJA, NEM PODE GARANTIR O SEU “DOMÍNIO DE SI”. SE O MOVIMENTO PRÓ-VIDA PUDER AJUDAR AS MULHERES A VEREM ISTO POR SI MESMAS, TEREMOS FEITO MUITO PARA LIBERTAR A NOSSA CULTURA DA MENTALIDADE ABORTISTA.